

O BRINCAR EM TEMPOS DE PANDEMIA¹: AÇÕES PEDAGÓGICAS NA ORIENTAÇÃO DOS FAMILIARES PARA ATUAR NA MEDIAÇÃO DA BRINCADEIRA DAS CRIANÇAS COM AUTISMO

Flaviane Lopes Siqueira Salles, Ufes, flsalles@hotmail.com
José Francisco Chicon, Ufes, chiconjf@yahoo.com.br
Fabiana Zanol Araújo, Ufes, fabianazanol@terra.com.br
Gabriela de Vilhena Muraca, Ufes, gabrielalaefa@gmail.com
Maria das Graças Carvalho Silva de Sá, Ufes, mgracasilvasa@gmail.com

Eixo Temático 6: Processos de aprendizagem e desenvolvimento e práticas pedagógicas na perspectiva da inclusão escolar

RESUMO

Tem como objetivo analisar as ações pedagógicas organizadas pela equipe de trabalho do Laefa no modelo EarTE, na orientação dos familiares para atuar no papel de brinquedistas na mediação da brincadeira das crianças com autismo em casa. Por meio de uma pesquisa qualitativa de caráter descritiva e exploratória, potencializando uma relação mais próxima do pesquisador com o cotidiano e as experiências vividas pelos familiares das crianças com deficiência/autismo. Essa ação contribuiu para atender à necessidade das crianças em termos do se-movimentar e da interação, tornando possível a extensão da brinquedoteca universitária no lar de cada criança atendida no projeto.

PALAVRAS-CHAVE: brincadeira; autismo; educação física

INTRODUÇÃO

Uma partícula microscópica, invisível ao olho humano, conseguiu, em pouco tempo, ser disseminada pelos cinco continentes mundiais. Parece o enredo de um filme, mas não é. Um vírus, conhecido como Coronavírus (Covid-19), passou a provocar situações inusitadas, colocando milhões de pessoas em isolamento social por todo o mundo na tentativa de diminuir o contágio. A situação pandêmica chegou a ser comparada com registros de guerras mundiais pelo grande número de óbitos causados. A orientação dada pelo Ministério da Saúde passa a ser, então, a diminuição da interação social.

¹ O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

O impacto causado pela pandemia do coronavírus impôs drásticas mudanças na rotina da população mundial, fazendo com que famílias do mundo inteiro se reorganizassem para seguir as medidas sanitárias, trazendo impactos também para a educação, que precisou pensar novos projetos de interação online para os estudantes de todo o país na tentativa de manter o vínculo e colaborar com o processo de aprendizagem e desenvolvimento durante o período de isolamento social.

Entretanto, sabemos que algumas tecnologias acabam por excluir uma considerável parcela da sociedade, seja pela falta de condições financeiras para adquirir os equipamentos necessários, seja pela precariedade do sinal de internet na região onde vive ou por desconhecimento no uso da tecnologia. Esse desafio tornou-se ainda maior, para as crianças com autismo, que por suas condições peculiares — dificuldade de comunicação, de interação social e restrição de interesses e de atividades —, precisavam de uma mediação constante, principalmente no desenvolvimento do brincar.

Autores como Chiote (2011), Salles e Chicon (2020), Araújo e Chicon (2020), Siqueira e Chicon (2016), relatam que as diferenças apresentadas pela criança com autismo são muitas vezes consideradas como impeditivas do brincar com o outro e com isso, acabam sendo privadas de um desenvolvimento cultural mais amplo.

Assim, com o objetivo de minimizar os prováveis efeitos causados pela interrupção da rotina de atendimento presencial das crianças no Laboratório de Educação Física Adaptada (Laefa), a equipe de trabalho reorganizou esse modelo, assumindo o ensino-aprendizagem remoto temporário e emergencial (Earte), continuando a ofertar a proposta pedagógica de forma remota, por meio de videoaulas, tendo os familiares que assumir a função de brinquedistas, organizando e executando as brincadeiras com as crianças com autismo em casa.

Entretanto, sabemos que para os familiares essa não é uma tarefa tão simples e principalmente em momentos de isolamento social. Então perguntamos: quais foram as ações pedagógicas organizadas pela equipe de trabalho do Laefa no modelo Earte, para orientar os familiares a atuar no papel de brinquedistas na mediação das brincadeiras com as crianças com autismos em casa? Em frente a essa questão problematizadora, o estudo tem por objetivo analisar as ações pedagógicas organizadas pela equipe de trabalho do Laefa no modelo Earte, relacionadas a orientação dos familiares para atuar no papel de brinquedistas na mediação da brincadeira das crianças com autismo em casa.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter descritiva e exploratória, tendo em vista que potencializa uma relação mais próxima do pesquisador com o cotidiano e as experiências vividas pelos familiares das crianças com deficiência/autismo, durante as ações pedagógicas desenvolvidas no processo de ensino e de aprendizagem. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, com um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 2001).

Nesse estudo a equipe de trabalho era composta por um professor coordenador, uma professora gestora, quatro professoras colaboradoras externas, quatro acadêmicos do Curso de Educação Física, que planejavam, executavam e avaliavam o Earte. Foram acompanhados 20 familiares (com idades entre 25 e 40 anos) e seus/suas filhos/as com deficiência/autismo (com idades entre 3 e 6 anos) matriculados/as no projeto. Para fins de delimitação, para este estudo, trabalharemos somente com as informações referentes ao acompanhamento do trabalho desenvolvido com os familiares das crianças com deficiência/autismo.

As informações foram coletadas por meio de diário de campo das reuniões de planejamento coletivo-colaborativo. Também foram coletadas informações a partir do acompanhamento das videoaulas e das vídeo-orientações produzidos

pela equipe de trabalhos e enviados aos familiares pelo grupo de *WhatsApp* e *Facebook*, com retorno (*feedback*) dos familiares na forma de comentários. Nas videoaulas e nas vídeo-orientações, os familiares eram estimulados a brincarem com seus/suas filho/as em casa, dando continuidade ao projeto Brinquedoteca: Aprender brincando.

As videoaulas seguiam os objetivos propostos no plano de ensino do ano de 2020, tendo como base os componentes curriculares ginástica geral e esportes com bola. Já as vídeo-orientações, eram organizadas com base em temas relacionados ao eixo criança, brincadeira e desenvolvimento infantil. Dentre os temas postados, destacamos: Aprendizagem e desenvolvimento na brincadeira da criança; A mediação pedagógica na brincadeira da criança; O brincar e a diversidade; A linguagem no desenvolvimento infantil; Aspectos relacionais da criança na brincadeira, entre outros.

A organização de grupo focal por meio do aplicativo Google Meet, que com a participação de quatro familiares de crianças com autismo, que demonstraram mais envolvimento na realização das brincadeiras encaminhadas, também foi estratégia utilizada pela equipe de trabalho para analisar as ações desenvolvidas durante esse período remoto.

RESULTADOS

Reconhecendo a importância do convívio social para o ser humano, que com uma história própria, vai constituindo e sendo constituído pela cultura, ao analisar as ações pedagógicas realizadas no modelo Earte, organizadas para orientar os familiares a atuar como brinquedistas na mediação da criança com autismo em casa, foi possível identificar que todas as ações perpassaram pelo diálogo e por momentos de mediação que norteavam uma perspectiva inclusiva e que tematizou a brincadeira como potencializadora dos processos de formação humana.

Dessa forma, destacamos três eixos importantes na análise deste trabalho: a) a ação do professor coordenador no grupo de *Whatsapp* com os familiares; b) a ação da equipe de trabalho para elaborar textos teórico-práticos e vídeo-orientação aos familiares; e c) a ação de organização de um sistema de tutoria no acolhimento e orientação dessas famílias.

Na ação do professor coordenador no grupo de *WhatsApp* com os familiares, é importante frisar que esse grupo foi criado com a finalidade exclusiva de estabelecer o diálogo entre os familiares das crianças com deficiência/autismo matriculadas no projeto e a equipe de trabalho do Laefa, para manter a continuidade da proposta pedagógica. Dessa forma, a orientação era para postagem somente das informações produzidas voltadas para o projeto, evitando assim, a poluição do ambiente virtual com comunicação que desviasse o foco do trabalho, por exemplo: mensagens sobre receitas culinárias etc.

Para não sobrecarregar o grupo do *Whatsapp* com muitas informações e manter uma interlocução segura, cuidadosa e sensível com os familiares, da equipe de trabalho, somente o professor coordenador atuava em emitir *feedbacks* às postagens realizadas pelos familiares. Com isso, após a realização das atividades em casa, as famílias postavam no grupo do *WhatsApp* fotos e vídeos executando a brincadeira e o coordenador respondia individualmente, apontando nos comentários as potencialidades identificadas na brincadeira e as possibilidades de avanço.

Na ação de elaboração dos textos e na produção do vídeo-orientação a equipe de trabalho buscou, de forma clara e objetiva apresentar os principais conceitos e fundamentos presentes na brincadeira utilizando como base teórica a abordagem histórico-cultural. A dinâmica escolhida pela equipe, demonstrava uma linguagem de fácil compreensão e a escolha de imagens que auxiliavam as famílias na compreensão do que estava sendo proposto. Essa ação, revela a potência dos processos formativos e a necessidade de investimentos no conhecimento das famílias das crianças com e sem autismo.

Compreendendo a importância da mediação do adulto na brincadeira da criança com autismo, a equipe de trabalho ampliou o investimento na orientação e escuta dos familiares, por meio de um sistema de tutoria individual. Nessa proposta, um integrante da equipe de trabalho prestava assessoria a duas famílias, com ligações telefônicas realizadas quinzenalmente, com objetivo de realizar uma escuta sensível sobre a situação do grupo familiar e a organização, execução e postagem das aulas. Essa ação possibilitava uma aproximação e constituição de vínculo entre os envolvidos, fortalecendo a relação e o diálogo, deixando os familiares mais à vontade para expor seus pensamentos, suas dúvidas e angústias, revelando momentos importantes da atuação deles como brinquedistas.

Ao garantir um processo formativo para as famílias, percebemos que os elementos teóricos apresentados orientaram a essas famílias sobre a importância do brincar, garantindo assim, a continuidade da proposta pedagógica realizada de forma presencial no Laefa. Para além das ações de continuidade, percebemos durante o grupo focal, a satisfação dos familiares em fazer parte desse processo formativo, chegando inclusive a externalizar o desejo de continuar os estudos da importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, observamos que o investimento em atividades de formação com as famílias suscita reflexões importantes sobre criança, brincadeira e desenvolvimento infantil e, assim, oportuniza as famílias a conhecerem melhor o trabalho educativo desenvolvido com as crianças com deficiência/autismo no projeto de extensão: Brinquedoteca: aprender brincando em casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as especificidades da criança com autismo, sabemos que essa condição de isolamento social que a pandemia nos impôs provocou uma

mudança repentina de rotina, a quebra do vínculo com professores, terapeutas e outros membros da família, além de longa permanência em casa, trazendo vários desafios aos familiares, inclusive para promover a brincadeira.

Reconhecendo a importância do convívio social para o ser humano que, com uma história própria vai constituindo e sendo constituído na/pela cultura, buscamos analisar as ações pedagógicas organizadas pela equipe de trabalho do Laefa no modelo Earte, relacionadas com a orientação e formação dos familiares para atuar no papel de brinquedistas na mediação da brincadeira das crianças com autismo em casa, tendo por base os eixos criança, brincadeira e desenvolvimento infantil.

Da análise do processo de intervenção realizado pela equipe de trabalho com os familiares das crianças com autismo, no período de agosto a novembro de 2020, destacamos três ações pedagógicas importantes para o processo de orientação e formação deles: a) a ação do professor coordenador no grupo de *WhatsApp* com os familiares; b) a organização de um sistema de tutoria no acolhimento e orientação das famílias; e c) a ação da equipe de trabalho para elaborar textos teórico-práticos e videoorientação aos familiares.

Em relação à *ação do professor coordenador no grupo de WhatsApp com os familiares*, constatamos, inicialmente, ao analisar episódios de brincadeiras postados por eles, que, em alguns casos, ao invés de o familiar incentivar e auxiliar a criança em sua dificuldade para realizar determinada ação na brincadeira, ele se adiantava e fazia a atividade pela criança, tirando a chance de ela aprender. Em outros casos, havia uma dificuldade do familiar em realizar a mediação da brincadeira com a criança de forma lúdica, não valorizando o processo de brincar, cobrando resultados, tornando a atividade enfadonha para o pequeno. Acreditamos que esse comportamento observado na atitude de alguns familiares na orientação da atividade lúdica seja pelo fato de não compreenderem a importância e a viabilidade da brincadeira para o aprendizado e desenvolvimento da criança com autismo.

A luz dessa constatação, a equipe de trabalho entendeu que, para qualificar a mediação da brincadeira com as crianças com deficiência/autismo em casa, as orientações aos familiares, por meio de feedbacks do professor coordenador no grupo de *WhatsApp*, não eram suficientes; eles precisavam de um processo de formação subsidiando-os com argumentos teórico-práticos retirados de textos científicos, nos eixos criança, brincadeira e desenvolvimento infantil — estratégia de videoorientação — e de um trabalho de acompanhamento individual, de uma escuta sensível, por meio de um sistema de tutoria, em que os integrantes da equipe de trabalho foram distribuídos na proporção de um para cada duas famílias, realizando ligações telefônicas de forma ordinária quinzenalmente, com o objetivo de escutar os familiares e orientar sobre as questões relativas ao desenvolvimento da proposta pedagógica.

A ação do professor coordenador no grupo de trabalho revelou a importância de uma maior aproximação das famílias em tempos remotos. Por meio de narrativas e frases de agradecimento aos vídeos postados pelos familiares, o professor coordenador chamava a atenção para aspectos importantes do desenvolvimento da brincadeira e para as possibilidades de avanço no desenvolvimento infantil, incentivando cada vez mais os familiares a assumir um papel participativo e dinâmico nas atividades lúdicas.

Na ação de elaboração dos textos e produção da videoorientação aos familiares, a equipe de trabalho buscou, de forma clara e objetiva, apresentar os principais conceitos e fundamentos presentes na brincadeira, utilizando como base teórica a abordagem histórico-cultural. A dinâmica escolhida pela equipe para dialogar com os familiares acerca dos conteúdos propostos demonstrava uma linguagem de fácil compreensão, em que as imagens escolhidas completavam as informações necessárias para o tema. Essa ação revela a potência dos processos formativos e a necessidade de investimentos no reconhecimento das famílias como partes desse processo educativo. Foi a partir da videoorientação, que os familiares passaram a incentivar a prática de atividades lúdicas de

diferentes formas, inclusive priorizando a participação da criança na construção da brincadeira. Isso só foi possível após a internalização dos conceitos apresentados nos vídeos e do esforço da equipe de trabalho em acolher e orientar essas famílias, favorecendo para que elas compreendessem a importância dos momentos lúdicos para o desenvolvimento infantil.

Apostando na importância da mediação do adulto na brincadeira da criança com deficiência/autismo, a equipe potencializou o trabalho desenvolvido com os familiares por meio de um *sistema de tutoria individual* que os acolhia e os orientava nos momentos lúdicos com as crianças. Essa aproximação, via ligação telefônica, permitiu uma maior compreensão da equipe de trabalho em relação aos desafios que estavam sendo apresentados pelos familiares nesse momento remoto. Por meio de uma escuta sensível, a equipe não só contribuía com orientações na realização das atividades, como também dava voz a essas famílias que, ao exporem seus sentimentos, pensamentos, suas dúvidas, iam se constituindo brinquedistas e contribuindo para o desenvolvimento de seus/suas filhos/as. Nesse momento de escuta e de fala, foram se constituindo novos vínculos importantes entre a equipe de trabalho e os familiares, que possibilitaram um maior envolvimento deles nas situações de brincadeiras.

Todo esse investimento nas famílias estreitou a relação entre a equipe de trabalho e os familiares no grupo do *WhatsApp* e foi se desdobrando em ações de aprendizado, que resultaram em mais momentos de interação remota e em brincadeiras muito mais divertidas, capazes de proporcionar, no ambiente familiar, momentos lúdicos importantes para o desenvolvimento infantil.

Como afirma Vigotski, (2010 p. 484): “Toda aprendizagem é uma fonte de desenvolvimento que suscita para a vida uma série de processos que, sem ela, absolutamente não poderiam surgir”. Desse modo, constatamos que o investimento na formação dos familiares configura ações educativas relevantes para:

- a) o processo de sensibilização dos familiares para a importância do brincar com as crianças com autismo;
- b) a ação mediadora dos familiares na organização e execução das brincadeiras com as crianças, exercendo o papel de brinquedistas;
- c) a ampliação dos momentos lúdicos em família que diminuam o estresse e a ansiedade provocados pelo isolamento social;
- d) a participação e o envolvimento dos familiares nas propostas pedagógicas do Projeto Brinquedoteca;
- e) a ampliação do se-movimentar das crianças em casa.

Ao garantir um processo formativo para as famílias, percebemos que os elementos teóricos apresentados puderam orientá-las sobre a importância do brincar, garantindo, assim, o prosseguimento da proposta pedagógica realizada de forma presencial no Laefa. Para além das ações de continuidade, percebemos, durante o grupo focal, a empolgação dos familiares em fazer parte desse processo formativo, chegando, inclusive, a externalizar o desejo de continuar os estudos sobre a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil:

Eu não sei como vocês vão pensar quando o projeto estiver de novo no modo presencial. Eu achei que foi muito importante essa parte da formação. Então, para os pais, no presencial, não podemos parar. Eu acho que tem que ter uma oportunidade, fazer um momento de formação e estudar com vocês. Peço que vocês pensem com carinho, porque, se os pais têm acesso a isso [formação], eu acho que amplia a informação sobre o que é o Laefa, o que o Laefa faz e propõe para as crianças com autismo e nossas crianças ganham com isso (SÔNIA, mãe, 4-11-2020).

Nesse sentido, observamos que o investimento em atividades de formação com as famílias suscita reflexões sobre a brincadeira e, assim, oportuniza às famílias conhecer melhor o trabalho educativo desenvolvido com as crianças com autismo na brinquedoteca.

Todas as ações realizadas nos revelam o quanto uma intervenção educativa no

brincar das crianças com autismo é desafiadora, principalmente em tempos de pandemia, que nos impõem, além do distanciamento social, a adoção de novos hábitos. Entretanto, esse projeto nos indica grandes possibilidades de potencializar as intervenções com a criança com e sem deficiência/autismo em casa, por meio do trabalho colaborativo entre a equipe e os familiares, da escuta sensível, do acolhimento e de momentos formativos.

Ressaltamos que os familiares, ao assumirem o papel de brinquedistas, organizando, estimulando e compartilhando as brincadeiras, contribuíram satisfatoriamente para atender à necessidade das crianças em termos do se-movimentar e da interação, significativamente na melhora da qualidade de vida de todos os envolvidos, tornando possível a extensão do espaço da brinquedoteca universitária no lar de cada criança atendida no projeto.

É importante salientar, ainda, que toda essa experiência se materializou na organização de um E-book: *Aprender brincando: caderno de fundamentos e atividades lúdicas inclusivas para crianças de 3 a 6 anos* (CHICON; SÁ; MURACA, 2021), distribuído gratuitamente, como forma de socializar esse trabalho para outros familiares e profissionais da educação especial e educação infantil.

Por fim, trazemos a fala do saudoso poeta e escritor Manuel de Barros (2003), ao expressar o reconhecimento de que ser adulto é também se encontrar em pleno processo de desenvolvimento e aprendizagem. Em suas palavras poéticas: “Acho que o quintal que a gente brincou é maior do que a cidade e a gente só descobre isso depois de grande” (p. 14).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, F. Z.; CHICON, J. F. **Educação física e inclusão**: aspectos relacionais da criança com autismo na brincadeira. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia, 2020. (Série Desenvolvimento Humano e Práticas Inclusivas).

CHIOTE, F. de A. B. **A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil**. 2011. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SALLES, F. L. S.; CHICON, J. F. **A mediação pedagógica do professor no brincar da criança com autismo**. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia, 2020. (Série Desenvolvimento Humano e Práticas Inclusivas).

SIQUEIRA, M. F.; CHICON, J. F. **Educação Física, autismo e inclusão: ressignificando a prática pedagógica**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução de Zóia Prestes. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 23-36, Jun. 2008.